

## ***Iracema e Pocahontas: permanências e rupturas nos dois mitos de formação***

Vera Lucia Teixeira Kauss<sup>1</sup>  
Nathalie Andrade Jorge<sup>2</sup>

**Resumo:** Este é um artigo que nasceu de um trabalho de pesquisa na área literária, mais especificamente em Literatura Comparada. Seu principal objetivo é estabelecer pontos de contato e de afastamento entre as personagens Iracema, criada por José de Alencar, na fase do Romantismo da Literatura Brasileira e Pocahontas uma indígena citada em uma das cartas do Capitão John Smith, no período da literatura colonial dos Estados Unidos da América.

**Palavras-chave:** permanências, rupturas, mulher indígena, costumes e tradições.

**Abstract:** This is an article that was born of a research work in the literary field, specifically in Comparative Literature. Its main purpose is to establish points of contact and spacing between the characters Iracema, created by José de Alencar, during the Romanticism of Brazilian Literature and Pocahontas an Indian quoted in one of the letters of Captain John Smith, in the period of colonial literature in the United States of America.

**Keywords:** continuities, ruptures, indigenous women, customs and traditions.

### **Introdução**

O objetivo do presente artigo é estabelecer uma comparação entre os mitos de formação que surgem a partir da relação entre a indígena Iracema e o português Martim, no romance do escritor brasileiro José de Alencar e do casamento entre a indígena Pocahontas e o inglês John Rolfe, além de toda a história que antecede essa relação citada na carta do inglês John Smith à rainha da Grã-Bretanha, Anne.

Para fazer tal comparação, serão trabalhados, de maneira particular: a natureza, que é apresentada como cenário nos textos; a linguagem utilizada pelos autores; a figura feminina e o papel que exercia naquele momento histórico; e a assimilação da cultura europeia por parte das heroínas. Iracema não assimila os

---

<sup>1</sup> Professora do programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas da Universidade Unigranrio. E-mail: [verakauss@gmail.com](mailto:verakauss@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduada pela faculdade de Letras pela Universidade Unigranrio

valores europeus trazidos nas caravelas que aqui chegaram em 1500, mas abandona seu povo por amor a Martim, por não se sentir mais digna de conviver com aqueles a quem teria traído ao entregar-se a uma relação de amor, pois, como sacerdotisa que guardava o segredo da jurema, ela não poderia se relacionar com um homem, principalmente estrangeiro. Isso não acontece com Pocahontas, pois ela se casa com o colonizador e absorve a cultura que é imposta aos povos indígenas do continente americano.

Observando países como o Brasil e os Estados Unidos, percebe-se a existência de culturas tão distintas, mas que apresentam, em sua história de colonização, muitas semelhanças. Dessa observação surge a motivação para pesquisar essas duas heroínas e suas relações com o colonizador, uma real e outra idealizada, que representam o surgimento de uma nova nação e a aniquilação da cultura indígena.

### **O Brasil do século XIX e o romantismo de Alencar**

No início do século XIX, a vinda da família real desencadeou, no Brasil, uma série de mudanças. Dentre elas, a abertura dos portos, a fundação do Banco do Brasil, a permissão para a instalação de indústrias, a implantação da imprensa, a implantação da Biblioteca Real, entre outras medidas. Tudo isso contribuiu para o desenvolvimento do país e da nova metrópole e capital: o Rio de Janeiro.

A vida, no Brasil, alterou-se profundamente, e essas mudanças contribuíram para o processo de independência. José Aderaldo Castello lembra tais mudanças dizendo que:

a proteção ao comércio, à indústria, à agricultura; as reformas do ensino, criações de escolas de nível superior e até o plano, que se realizou, de criação de uma universidade; as missões culturais estrangeiras, convidadas e aceitas pela hospitalidade oficial, no setor das artes e das ciências; as possibilidades para o comércio do livro; a criação de tipografias, princípios de atividade editorial e da imprensa periódica. (CASTELLO, 1969, p. 38)

A independência política de 1822 despertou a necessidade de se criar uma cultura brasileira com suas próprias raízes históricas, linguísticas e culturais. Uma cultura que valorizasse mais o nacional e abandonasse a prática da “imitação” do que vinha de fora, dos valores que eram trazidos das grandes metrópoles europeias.

É nessas condições que se desenvolve o Romantismo no Brasil e, portanto, o traço essencial desse movimento literário será o nacionalismo. Serão destaques desse período os estudos e escritos voltados para o regionalismo, para a pesquisa histórica, folclórica e linguística, para a crítica social e o indianismo.

Este último traço desse movimento foi uma das principais tendências dessa escola literária. Nesse aspecto, destacou-se José de Alencar (1829–1877). Ele foi o principal escritor da narrativa do Romantismo brasileiro. Sua produção apresentava a preocupação com a criação de um projeto de construção de identidade brasileira, voltado para a busca de um tema nacional (natureza e costumes) e uma língua “brasileira”, que ganha mais destaque com, por exemplo, o uso de vocabulário indígena em seus textos.

Em seus romances nativistas - *O Guarani*, *Iracema* e *Ubirajara* -, Alencar usa a imagem do indígena baseada na ideia do “bom selvagem”, desenvolvida por Rousseau e o exalta como símbolo da nacionalidade brasileira.

Na tentativa de definir como havia nascido a etnia brasileira, José de Alencar usa a história contada em seu romance *Iracema*: nele, o primeiro brasileiro seria fruto da relação de amor da indígena tabajara Iracema com o português colonizador Martin. Dessa relação, nasce Moacir, cujo nome significa “filho da dor” e que é levado pelo pai para ser criado em Portugal: quando adulto, ele voltaria ao Brasil e, já como um “branco civilizado”, seria a representação do “brasileiro”. Na realidade, para Alencar, Iracema simbolizaria os povos autóctones que precisariam “morrer” para que predominasse, em nosso país, a civilização trazida pelo europeu e considerada como modelo a ser seguido pelas colônias.

Segundo Alfredo Bosi, Alencar usa a natureza para agregar ao indígena pureza, lealdade e coragem. Como nos explica o grande mestre:

Para dar forma ao herói, Alencar não via meio mais eficaz do que amalgamá-lo à vida da natureza. É a conaturalidade que o encanta: desde as linhas do perfil até os gestos que definem um caráter, tudo emerge do mesmo fundo incôscio e selvagem, que é a própria matriz dos valores românticos. (BOSI, 2006, p. 138).

E é assim que o autor faz com Iracema, aproximando-a da natureza:

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo do jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas. (ALENCAR: 1992, p. 32)

Partindo do conceito formulado por Rousseau de que o homem tem uma boa essência e é corrompido pelo meio, Iracema vai ilustrar o conceito supracitado, quando trai sua cultura ao entrar em contato com o europeu. Enquanto, na Europa, o movimento romântico se volta para o período medieval, com cavaleiros andantes e sua coragem servindo de modelo; no Brasil, Alencar vai voltar-se para o início do século XVI e a colonização da terra recém invadida. Para o Continente americano, a Idade Média corresponde ao período pré-colombiano e pré-cabralino, ou seja, o momento em que viviam nessas terras culturas em diferentes momentos históricos, mas estruturadas em sociedades que sustentavam seu modo de viver, de ser e de estar no mundo. Eram autônomas, tinham métodos agrícolas que lhes possibilitavam uma alimentação farta, desenvolveram regras que as mantinham unidas em sociedades e desenvolveram suas próprias crenças religiosas, ou seja, formavam sociedades estruturadas que foram ignoradas pelo colonizador.

José de Alencar vai retratar o índio do século XVI como um herói, mas não se importará com os que lutam para sobreviver no século XIX. Na realidade, ele vai criar, na idealização, uma figura heroica para representar os antecedentes do brasileiro de seu tempo: índios naturalmente bons, fortes, corajosos que, apesar de terem lutado bravamente, sobrevivem apenas na mestiçagem que marca a construção étnica e cultural do Brasil.

### **A América no século XVII e a carta do Capitão Smith**

A história dos Estados Unidos da América iniciou-se a partir do século XVI, quando exploradores europeus aportaram no lado norte do continente americano. Apenas nativos habitavam no local e, a partir dessa conexão com o continente europeu, os Estados Unidos passaram a ser colônia da Inglaterra.

O primeiro navegador a serviço da Inglaterra a explorar o continente americano foi o genovês Giovanni Caboto (John Cabot), que esteve na região duas vezes, em

1497 e 1498. Cabot percorreu a Terra Nova, mas não deu início à colonização do território. As primeiras tentativas de povoamento só foram feitas bem mais tarde. Entre 1584 e 1585, sir Walter Raleigh fundou, na ilha de Roanoke, o primeiro núcleo de colonização inglesa na América do Norte. A povoação, entretanto, desapareceu. Não obtendo sucesso, a Inglaterra só recomeçou a colonização efetiva da América do Norte em 1607, quando um grupo de colonos ingleses, agenciado pela Virginia Company of London, veio para o continente e fundou a Virgínia, assim chamada em homenagem à "rainha virgem", Elizabeth I.

Foi nessa segunda tentativa que o Capitão John Smith veio para o “Novo Mundo” em um dos três navios que partiram da Inglaterra em 1606: o ‘Susan Constant’, o ‘Godspeed’ e o ‘e-Discovery’, sob o comando de Christopher Newport.

Smith chegou à nova terra em abril de 1607 e, de lá, escrevia para a monarquia, descrevendo o local, a geografia etc.

Ao explorar as terras, Smith teria sido capturado por uma tribo local, os Powhatan e quase foi morto. Essa catástrofe não aconteceu porque ele teria sido salvo pela filha do chefe. Apesar da seriedade do acontecido, John só escreve sobre isso quase dez anos depois, quando já estava de volta à Inglaterra. É nesse texto que escreve tão depois do fato ocorrido, que ele descreve como tudo aconteceu e menciona Pocahontas. A indígena, uma menina de aproximadamente 12 anos, é descrita pelo capitão da seguinte forma: “a filha mais querida do rei e bem-amada, sendo apenas uma criança de 12 ou 13 anos de idade, cujo compassivo e piedoso coração, de meu estado desesperado, me deu muitos motivos para respeitá-la:” (tradução própria)<sup>3</sup>

### **Permanências e rupturas: leitura possível**

Iracema é a heroína do romance de José de Alencar, índia da tribo dos tabajaras, filha de Araquém, velho pajé, era uma espécie de vestal, no sentido de ter

---

<sup>3</sup> “...the Kings most dear and well-beloved daughter, being but a child of twelve or thirteen years of age, whose compassionate pitiful heart, of my desperate estate, gave me much cause to respect her:”

a sua virgindade consagrada à divindade por guardar o segredo da *jurema*: uma bebida mágica (alucinógena) utilizada nos rituais religiosos. O nome Iracema é um anagrama da palavra América e ela própria é uma alegoria da terra, virgem e intocada, que será destruída pelo colonizador.

Pocahontas nasceu por volta de 1595, era a filha do chefe indígena Powhatan, o líder de uma poderosa confederação indígena composta por cerca de 30 tribos, totalizando umas 20 mil pessoas. Essa confederação ocupava grande parte do território que, hoje, é conhecido como o Estado norte-americano da Virgínia. Pocahontas tinha cerca de 12 anos de idade quando os ingleses estabeleceram seu primeiro assentamento permanente em Jamestown na América. Durante sua vida, ela protagonizou um papel fundamental na manutenção de relações amistosas entre os povos indígenas e os colonizadores ingleses.

O objetivo deste texto é analisar e comparar as obras e, com isso, aproximar ou distanciar os mitos presentes nas personagens femininas “Iracema” e “Pocahontas” e sua relação com o colonizador. Para dar início à comparação, faremos um estudo da linguagem utilizada por Alencar e Smith como ponto de partida.

No romance *Iracema*, a linguagem utilizada é repleta de imagens, metáforas e comparações. José de Alencar fez uso desses recursos para representar o pensamento e o linguajar do indígena, uma vez que sociedades que não se desenvolveram no campo científico (etnias indígenas, por exemplo) tendem a apresentar grande riqueza em seu campo mitológico, atribuindo aos deuses explicações para fatos naturais e/ou entendidos como “sobrenaturais”.

Fazendo assim, o autor supracitado aproximou-se muito da poesia e não descaracterizou a linguagem do indígena. Em certos momentos, ele vai comparar sua heroína a aves; em outros, a flores e árvores, como podemos observar nos exemplos a seguir: “O toque de seu corpo, doce como a açucena-do-mato, e macio como o ninho do Beija-Flor...” (ALENCAR, 1992, p. 61) e “Iracema ficou tímida e inquieta, como a ave que presente a borrasca no horizonte.” (ALENCAR, 1992, p. 63).

Em contrapartida, John Smith faz uma narrativa sem metáforas e comparações na carta que enviou à Rainha Anne, em 1616, nove anos depois do fato ter ocorrido, ou seja, nove anos depois de ter sido salvo por Pocahontas da morte nas mãos dos indígenas.

O inglês escreveu a carta citada com o intuito de que a Rainha recebesse Pocahontas, agora Rebecca, casada com o inglês Jonh Rolfe e convertida ao cristianismo, porque a monarquia recusava-se a fazê-lo.

A narrativa da qual fez uso não foi para representar a fala de Pocahontas ou qualquer outro de sua etnia, mas para convencer a monarquia britânica a receber cordialmente a indígena convertida e casada com um inglês.

Os responsáveis pela colônia da Virgínia encontravam dificuldade em atrair novos colonos para Jamestown. Com o objetivo de encontrar investidores para assumir os riscos, usaram Pocahontas como uma estratégia de propaganda, tentando convencer os europeus de que os nativos poderiam ser "domesticados". Eles buscavam, desse modo, salvar a colônia.

Em 1616, os Rolfes viajaram para a Inglaterra. Foram acompanhados por um grupo de onze nativos. Pocahontas esteve presente em várias reuniões da sociedade, entretanto, ao chegar, a monarquia não queria recebê-la formalmente. Por isso, Smith, que estava em Londres, ao saber disso, escreveu uma carta à Rainha Anne contando como Pocahontas os havia salvado em Jamestown da fome, do frio e da morte e a apresentou como primeira nativa cristã da América do Norte. Por causa disso, Sua Majestade aceitou recebê-la.

O segundo aspecto a ser analisado é o ambiente em que os textos foram produzidos, ou seja, quais foram os cenários escolhidos para ambientar a narrativa.

Ambos nos remetem à América do final do século XVI e início do século XVII, quando os primeiros colonizadores europeus chegaram à terra recém-descoberta. Nesse momento, aconteceram os contatos entre as duas culturas que, primeiramente, aqui se encontraram: a europeia e as indígenas que povoavam o continente americano.

Na obra *Iracema*, o enredo desenvolve-se nas terras da América do Sul, hoje Brasil. Nela, o autor descreve as belezas naturais, os habitantes, as tradições e os costumes dos nativos. Narra, também, como o escritor imaginou – e queria que seus leitores imaginassem também – o encontro entre representantes dos dois povos que seriam os primeiros a dar início ao povo mestiço que somos hoje. Apesar de, historicamente, sabermos que não foi através de uma relação de amor, mas sim de violência e estupro, Alencar, como todo bom romântico, retratou esse momento como

sendo idílico e de realização de um grande amor. O brasileiro, então, teria nascido de uma relação amorosa e não de violência.

A natureza foi ricamente apresentada no romance alencariano, essencialmente idealizada e, nele, a paisagem brasileira apresenta características paradisíacas. O foco da narrativa centra-se na descrição da natureza, comparando os personagens com ela e colocando-a como elemento primordial para o desenrolar da trama, como observamos no trecho abaixo:

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;  
Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;  
Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas. (ALENCAR, 1992, p. 31)

Na carta de John Smith, a natureza não é propriamente descrita, mas nos remete ao período da colonização, à vastidão das terras, às dificuldades para se estabelecer e lidar com a terra no plantio, como no trecho a seguir, em que ele relata sua chegada a Jamestown, após ter ficado prisioneiro e ser salvo da morte por Pocahontas. “...encontrei cerca de oito a trinta miseráveis criaturas pobres e doentes, para manter a posse de todos esses grandes territórios da Virgínia.”<sup>4</sup> (tradução própria)

Nesse outro trecho da carta, em que Smith relata o plano do pai de Pocahontas para matá-lo, fica clara a difícil relação que se estabelecia entre os colonos e o ambiente em que estavam relacionando a noite a perigo e mencionando a vastidão e densidade da floresta.

Outra característica importante que deve observada é a figura feminina nessa relação do colonizador com o povo nativo.

Em ambas as narrativas, a mulher ganha destaque. Iracema é descrita de forma extremamente idealizada quando o autor a torna sempre mais e melhor que a natureza em suas comparações. Nela, podemos ler uma alegoria da terra: assim como a indígena era virgem, também o eram as terras; e, assim como a mulher foi “destruída” ao relacionar-se com Martim, as terras virgens também teriam sido

---

<sup>4</sup> “...where I found about eight and thirty miserable poor and sick creatures, to keep possession of all those large territories of Virginia.”



“destruídas” com a colonização feita pelos europeus. Ao mesmo tempo que ambas são fortes, magníficas, também são frágeis, apesar de se mostrar, a mulher, muito segura do que quer. Mas o desfecho da história da indígena é triste, pois morre de tristeza com a ausência e desinteresse de Martim. Todo o amor que dedicou ao estrangeiro não foi suficiente para que eles vivessem uma relação de felicidade, mesmo estando num verdadeiro paraíso...

Pocahontas também é descrita de forma a nos fazer entender que era uma jovem forte, carismática, caridosa, mas ingênua. Além de salvar a vida de John Smith, também teria ajudado a colônia a manter-se quando assolada pelas intempéries da colonização experimental. A pequena indígena, de canoa, levava alimentos e notícias da aldeia e, em uma ocasião, cruzou a remota floresta para alertá-los da fúria e ataque de seu pai.

A história de Pocahontas também tem um triste fim. Depois de ajudar a colônia, em uma de suas visitas a Jamestown, foi feita prisioneira por cerca de dois anos. Durante esse período, adaptou-se à língua e tradições europeias. Converteu-se ao cristianismo, passando a se chamar Rebecca, casou-se com um inglês e com ele teve um filho. Mas fica a dúvida se toda essa mudança foi voluntária ou imposta.

Viajou à Europa com o marido e o filho em 1616, quando Smith escreveu a carta de que é objeto o presente estudo. Em março de 1617, tomaram um navio e retornaram à Virgínia. Na viagem de volta a sua terra, quando o navio chegou a Gravesend, no rio Tâmis, Pocahontas ficou doente. A natureza da doença é desconhecida, mas pneumonia, varíola ou tuberculose são os diagnósticos mais prováveis. Ela morreu ao desembarcar.

Mais do que a morte física, podemos observar algo que podemos chamar de “morte” de Pocahontas nos anos em que ficou prisioneira. Com ela, morreram sua religião, sua língua, seus costumes e suas tradições ao tornar-se Rebecca, a primeira nativa cristã.

A figura feminina, em ambos os textos, vai assumir uma postura de submissão diante do *outro*. Em Alencar, a indígena trai sua origem e, em Smith, ela abdica.

Passemos, agora, a uma análise possível das razões pelas quais as heroínas tomaram a decisão de aderirem à cultura europeia abandonando a sua de origem.

Iracema devia manter-se virgem, pois guardava o segredo da erva da jurema que era um símbolo da fecundidade de sua tribo. Guardava a “receita” de um licor

misterioso e alucinante, usado em rituais religiosos, mas tudo se modifica quando ela se apaixonou por Martim, o guerreiro branco. Também envolvido, Martim sabe que não pode ter Iracema e, em determinado momento do romance, pede à moça a tal bebida para que possa delirar e ter a sensação de estar com ela. A indígena o faz, mas fica na rede com Martim e, no final, a frase “Tupã já não tinha sua virgem na terra dos tabajaras” (ALENCAR, 1992, p. 63) é a indicação de que a união amorosa havia acontecido.

A virgem dos lábios de mel encantara-se pelo europeu e, em nome desse amor, optou por viver ao lado dele, mesmo sabendo que essa atitude a levaria a um ato de traição para com seu povo, e o romance vai se estruturando em tudo o que une e o que separa o casal.

A filha de Araquém, pajé da tribo dos Tabajaras, traiu sua cultura em nome de um amor proibido e assinou sua sentença de morte, pois, com a passar do tempo, o amor de Martim passou a não ser tão intenso como nos primeiros momentos, ficando mais tempo nas batalhas do que com Iracema. Além da necessidade primeira de Martim ser a aventura no Novo Mundo e a colonização das novas terras para seu Rei, ele era amigo justamente de uma tribo inimiga dos tabajaras e, por isso, não podia viver na aldeia do povo de Iracema. Também por isso, a indígena teve que se afastar e ficar isolada, sozinha porque também não podia viver no meio do povo que era inimigo do seu. Como Martim vivia guerreando e caçando com seus amigos pitiguaras, Iracema acabou ficando muito só, sendo esse um dos motivos de sua imensa tristeza: ela havia abandonado tudo por amor ao homem branco, mas, para ele, ela não era o mais importante em sua vida...

As razões de Pocahontas ficam divididas: seria política de seu pai, vontade divina ou fascínio pelo colonizador? Na carta de Smith, ele diz que: “...fosse a política de seu pai portanto para empregá-la, ou a ordem de Deus assim fazê-la de seu instrumento, ou sua afeição extraordinária pela nossa nação...”<sup>5</sup> (tradução própria). Podemos nos questionar também de que poderia ter sido por ingenuidade ou por imposição que a jovem Powhatan foi, gradativamente, adequando-se à nova cultura.

De acordo com Dr. Linwood Custalow e Angela L. Daniel, no livro intitulado *The true story of Pocahontas: the other side of History*, de 2007, as informações na Carta

<sup>5</sup> “...were it the policy of her father thus to employ her, or the ordinance of God thus to make her his instrument, or her extraordinary affection to our nation”

de Smith não condizem com as regras e as leis comportamentais dos Powhatan. Por ser uma criança, Pocahontas não poderia ter salvo o capitão da morte, uma vez que apenas adultos participavam desse tipo de ritual, tampouco a palavra de uma criança prevaleceria sobre a ordem de seu pai, o chefe da nação Powhatan.

Outro fator incompatível com a história original seria a afirmação de que Pocahontas frequentava e ajudava Jamestown. Para isso, ela precisaria da assistência de um dos homens de sua tribo, pois não teria habilidade física, por ser uma criança, para remar cerca de 800 metros para levar comida até o assentamento dos colonos.

Essas são questões para se refletir um pouco mais no que conta a carta em relação ao que se estabeleceu na história de Pocahontas: teria sido uma imposição ou a aceitação da cultura europeia?

Fica muito clara a mensagem de aniquilação das culturas indígenas nos dois textos, embora, no romance de Alencar, primeiro se dê o abandono da cultura indígena e depois o desaparecimento da mesma representada na morte de Iracema; e, na lenda de Pocahontas, a tradição indígena foi lentamente calada durante seu cativeiro e também sucumbe com a morte da jovem.

Por último, procuramos fazer um paralelo entre os mitos presentes nas histórias, mas antes de fazê-lo, parece-nos necessário trabalhar o conceito de mito.

Mito são narrativas utilizadas pelos povos antigos para explicar fatos da realidade e fenômenos da natureza, as origens do mundo e do homem, que não eram compreendidos por eles. Os mitos se utilizam de muita simbologia, personagens sobrenaturais, deuses e heróis. Todos estes componentes são misturados a fatos reais, características humanas e pessoas que realmente existiram. Um dos objetivos do mito é transmitir conhecimento e explicar fatos que a ciência ainda não havia explicado.

Com o passar do tempo e a evolução da ciência, o homem obteve respostas para questionamentos que antes apenas o mito explicava. Através dos tempos e de suas mudanças, é na literatura que ele vai encontrar abrigo para sua continuidade.

De acordo com Alexandra Vieira de Almeida: “Contrariamente ao discurso historiográfico, o mito e a literatura não requerem o teste de verificação e não necessitam de provas testemunhais.” (ALMEIDA, 2008, p. 55) Sendo assim, nem mito

nem literatura perdem sua característica principal, ou seja, não precisam de comprovação histórica ou científica.

É a partir da conclusão acima, que podemos situar os mitos de formação presentes em *Iracema* e *Pocahontas*.

Embora tenha vivido no início do século XVII e tendo sua história documentada na carta do capitão Smith, *Pocahontas* tornou-se um mito desde o início do século XVIII e tem sido objeto explorado por uma indústria cultural. Em muitos aspectos, esta mulher, de quem muito pouco se sabe e que não deixou uma palavra própria no registro histórico, é um produto completo da imaginação americana. A informação de que teria vivido um romance com o Capitão Smith foi acrescentada à sua história e, com essa visão romantizada, vai inspirar obras como o filme contemporâneo que conta sua história, *O novo mundo*, de 2006, dirigido por Terrence Malik, e um desenho animado dos estúdios Disney intitulado *Pocahontas*.

Assim como na Grécia antiga, a realação entre *Pocahontas* e Smith pertence à tradição oral e não será aqui julgada sua veracidade, mas sim seu impacto no campo mitológico americano e seus traços comuns com o indianismo brasileiro.

Ainda no campo mitológico, do ponto de vista psicológico, de acordo com José Guilherme Merquior:

... o indianismo não podia ser senão o que foi: um enobrecimento do ameríndio, uma idealização mítica. A mitologia indianista era uma resposta à nossa necessidade de Origem, ansiosamente sentida pelo país em formação nacional. (MERQUIOR, 1979, p. 80)

Ou seja, o romance *Iracema*, que está inserido nessa característica do movimento romântico brasileiro, nasce da busca por uma identidade nacional; enquanto *Pocahontas* surge não dessa procura, mas sim do retorno às raízes históricas.

Assim como os mitos antigos, as histórias que envolvem as duas personagens *Iracema* e *Pocahontas* também se apresentam para suprir a necessidade de uma nação na procura por indícios de seu surgimento e desenvolvimento.

Outro ponto de aproximação entre os dois mitos é a característica inerente da atemporalidade, ou seja, é a sua possibilidade de continuidade, ora pela tradição oral ora pela literatura, entre outros.

Alexandra Vieira de Almeida cita Mircea Eliade quando afirma que é a saída do tempo o elemento que mais aproxima o mito da literatura, sendo assim: “ O mito abole o tempo profano, histórico e se dimensiona num tempo estranho, imaginário. O ‘eterno presente’ do tempo mítico atualiza a memória primordial, vista como a imagem da perfeição.” (ALMEIDA, 2008. p. 58)

Apesar de recorrer a fatos históricos como a rivalidade entre os índios pitiguaras (aliados dos portugueses) e tabajaras (aliados dos franceses) e utilizar personagens reais, como Martim Soares Moreno - um dos pioneiros na colonização do Ceará - e o índio Poti - importante figura na luta contra os holandeses -, José de Alencar utilizou-se de uma fértil imaginação e de um lirismo próprios da poesia romântica, o que não acrescentou ao seu romance características de relato histórico. O mesmo acontece com a carta do Capitão Smith: o tom do qual fez uso direciona o leitor a questionamentos e não propriamente a apenas aquisição de informação. Teria sido essa a principal característica de sua carta que possibilitou a criação do mito de Pocahontas. É a partir de um relato sem comprovação historiográfica que as pessoas puderam adicionar informações à história da indígena e torná-la um símbolo de bravura e compaixão, entre outros atributos.

### **Concluindo...**

Como uma possível tentativa de concluir nosso paralelo entre as histórias, observemos as relações de igualdade e diferença que se estabelecem nos mitos de formação presentes nos dois relatos.

Reverendo a história de Pocahontas, podemos observar que, de seu casamento com John Rolfe, nasce o primeiro norte-americano. Entretanto, o que parece ser um caso de mestiçagem étnica e cultural, na realidade, é apenas étnica para o pequeno Thomas Rolfe. Para o menino chegar ao reconhecimento de filho de John Rolfe, foi necessário que sua mãe, Pocahontas, tivesse se convertido ao cristianismo, além de, formalmente, ter se casado com o inglês. Ela também precisou aderir completamente aos costumes europeus, como a maneira de se vestir, o uso da língua e adotar um nome cristão. Tudo isso para que seu filho fosse reconhecido legítimo pela sociedade, ou seja, pelos colonos da época.

Podemos nos questionar quantas outras crianças nasceram de relações entre colonos e indígenas, mas que reconhecidamente, como primeiro americano, seja o filho de uma indígena que tenha abdicado de toda sua cultura e tradição.

Nessa relação, de que anteriormente já questionamos a veracidade, a imposição ou o encantamento como fator primordial de sua existência, retomamos a discussão acerca das ações imperialistas visivelmente perceptíveis na história de Pocahontas e na lenda que se criou em torno de seu nome através dos tempos.

A condição principal para o desenvolvimento de uma nova nação, nesse caso, os Estados Unidos, era a possibilidade da “domesticação” do nativo. Fica subentendido por “domesticação” a aderência à cultura, tradição e religião europeias quando Capitão Smith a apresenta como a primeira nativa cristã em sua carta.

Nos anos em que ficou em cativeiro em Jamestown, Pocahontas foi gradativamente tornando-se um ser intermediário – já não era mais powhatan, mas também não era parte dos colonos. Os nativos não são considerados os primeiros norte-americanos, menos ainda os colonos que vieram de outras terras. Porém, para ser considerado um norte-americano, era necessário nascer no território, mas ser educado dentro das tradições europeias, pois a cultura indígena teria de ser totalmente silenciada.

Em contrapartida, Iracema não foi catequizada, não mudou seu nome, nem sua cultura, mas a tradição indígena também perde voz e vez na lenda de José de Alencar.

Da heroína alencariana e sua relação de amor com o colonizador, nasce Moacir, que significa “filho da dor”, ou seja, ele representa o sofrimento do amor que Iracema sentiu por Martim, também é o primeiro morador do nordeste, considerando que os indígenas, mesmo convertidos e batizados, como Poti, não seriam considerados a primeira gente brasileira. O filho de Iracema e Martim é que foi considerado o primeiro brasileiro legítimo.

De acordo com o pensamento vigente na época, para ser um brasileiro o sujeito não poderia ser educado como um nativo, dentro dos costumes de um povo considerado bárbaro, selvagem. O brasileiro deveria viajar para a Europa para ser educado dentro da cultura e tradições cristãs, com base no ponto de vista do europeu, que se considerava, na época, o modelo de civilização a ser seguido. Como o próprio Alencar cita: “O primeiro cearense, ainda no berço, emigrava da terra da pátria. Havia aí a predestinação de uma raça?” (ALENCAR, 1992, p. 102)

Por amor a Martim, Iracema abandona seu povo e sua religião. É uma clara referência à submissão do indígena ao colonizador português; e, o desinteresse de Martim, representa o colonizador que se interessa apenas em conquistar a terra sem se importar com o nativo e suas tradições.

Ambas as histórias e seus mitos de formação nos remetem a um período imperialista, ou seja, quando nações como Portugal e Inglaterra impuseram seu domínio aos povos ameríndios, considerados bárbaros por não possuírem o suposto grau de desenvolvimento dos povos europeus, assim criando colônias que lhes permitiram expandir suas estruturas de poder.

Mas, na realidade, quem seriam os povos bárbaros? Quem chega e toma posse da terra? Quem impõe sua cultura, mata e escraviza? Na realidade, a partir de releitura que se faz, hoje, da narrativa historiográfica do Continente americano, chega-se à conclusão de que o homem branco, desde que aqui chegou, foi quem apresentou mais características da barbárie, se comparadas suas atitudes com as dos povos ameríndios americanos.

### Referências Bibliográficas

- ALENCAR, José de. *Iracema – Lenda do Ceará*, 26ª ed. São Paulo, Ática, 1992.
- ALMEIDA, Alexandra Vieira de. *Literatura, mito e identidade nacional*, s/ed. São Paulo: Ômeg.
- ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*, São Paulo, Cultrix, 1990. Tradução direta do grego e do latim de Jaime Bruna.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*, 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1978.
- CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: das origens ao Romantismo*, 9ª ed. São Paulo, Difel, 1979.
- CUSTALOW, Dr. Linwood “Little Bear”; DANIEL, Angela L. “Silver Star”. *The true story of Pocahontas: The other side of History*. Golden. Fulcrum Publishing, 2007.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 4ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1994.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. 27ª ed. São Paulo, Cultrix, 2007.
- MORAIS, Régis de (org). *As razões do mito*. s/ ed. São Paulo, Papyrus, 1988.
- Pocahontas Archive. *Pocahontas biography*, 2012. Disponível em: <<http://digital.lib.lehigh.edu/trial/pocahontas/>>. Acesso em 26 out. 2012.

Bio. True story. *John Smith biography*, 2012. Disponível em:  
<<http://www.biography.com/people/john-smith-9486928>>. Acesso em 19 set. 2012.

Digital History. *John Smith letter to Queen Anne of Geat Britain, 1616*. Disponível em:  
<[http://www.digitalhistory.uh.edu/learning\\_history/pocohontas/pocahontas\\_smith\\_letter.cfm](http://www.digitalhistory.uh.edu/learning_history/pocohontas/pocahontas_smith_letter.cfm)>.  
Acesso em 13 set. 2012.

Scielo.br. *Mito e história em Iracema: a recepção crítica mais recente*<sup>1</sup>. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002007000200014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000200014)>.  
Acesso em: 27 out. 2012.